

SARAH J. MAAS

TRONO
de
VIDRO

Império de tempestades
Tomo II

Tradução
Mariana Kohnert

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2017

PARTE DOIS

Coração de Fogo

A fumaça fizera os olhos de Elide arderem durante grande parte da abafada manhã cinzenta.

Molly alegara que eram apenas fazendeiros queimando campos não cultivados, a fim de que as cinzas fertilizassem a terra para a colheita do ano seguinte. Deviam estar a quilômetros de distância, mas a fumaça e as cinzas viajavam longe com o vento ágil em direção ao norte. O vento para seu lar, para Terrasen.

No entanto, eles não se dirigiam para lá. Seguiam para o leste, direto para a costa.

Em breve Elide precisaria cortar para o norte. Tinham passado por uma cidade — apenas uma, e os cidadãos já estavam cansados de atrações itinerantes e de artistas. Mesmo com a noite mal começando, ela sabia que provavelmente só conseguiriam dinheiro suficiente para cobrir as despesas de estadia.

A jovem atraía o total de quatro clientes para a pequena tenda até então, a maioria rapazes, querendo saber qual das meninas da cidade gostava deles, mal reparando que Elide — sob a maquiagem espessa como creme emplastrada na face — não era mais velha que eles. Escassearam quando os amigos passaram, sussurrando pelas abas de entrada da tenda, pintada com estrelas, que um espadachim fazia um espetáculo imperdível, e que seus braços eram quase do tamanho de troncos de árvore.

Elide ficara com raiva, tanto dos rapazes fracos que sumiram — um sem pagar — quanto de Lorcan, por ter roubado a cena.

Ela esperou dois minutos antes de sair, a peruca enorme e ridícula que Molly colocara em sua cabeça prendendo nas abas. Pedacos de contas e penduricalhos oscilantes pendiam da abertura em arco, e Elide os afastou dos olhos, quase tropeçando nas vestes vermelho-sangue conforme ia ver qual era o motivo da comoção.

Se os rapazes da cidade tinham ficado impressionados com os músculos de Lorcan, não era nada em comparação ao que aqueles músculos faziam com as moças.

E com as mulheres mais velhas, percebeu Elide, sem se incomodar em se espremer em meio à multidão amontoadada diante do palco improvisado no qual Lorcan, de pé, fazia malabarismo e atirava espadas e facas.

Ele não era um artista natural. Não, na verdade, tinha a audácia de aparentar *tédio* lá em cima, parecia quase descaradamente emburrado.

Mas o que lhe faltava em charme ele compensava com o corpo sem camisa besuntado em óleo. E pelos deuses...

O semiféérico fazia os rapazes que haviam visitado a tenda se parecerem com... crianças.

Ele equilibrava e atirava as armas, como se não fossem nada, e Elide teve a sensação de que o guerreiro apenas praticava um dos exercícios diários. Mas a multidão ainda assim emitia *ubs* e *abs* a cada giro e lançamento e pegada, em seguida moedas ainda caíam na panela na beira do palco.

Com as tochas ao redor, os cabelos pretos pareciam engolir a luz enquanto os olhos cor de ônix estavam inexpressivos e entediados. Elide se perguntou se Lorcan imaginava o assassinato de todos que babavam por ele, como cães em volta de um osso. Não podia culpá-lo.

Uma gota de suor deslizou pela mancha espessa de pelos pretos no peito escultural de Lorcan. Elide observou, um pouco hipnotizada, conforme a gota desceu pelas reentrâncias musculosas da barriga. Seguindo mais para baixo.

Não era melhor que aquelas mulheres suspirando, disse a jovem a si mesma, prestes a voltar para a tenda quando Molly comentou ao seu lado:

— Seu marido poderia simplesmente estar sentado ali, ajeitando meias, e mulheres ainda assim esvaziariam os bolsos pela chance de admirá-lo.

— Ele exercia o mesmo fascínio em qualquer lugar que fôssemos com nossa antiga trupe — mentiu Elide.

Molly emitiu um estalo com a língua.

— Tem sorte — murmurou ela, quando Lorcan atirou a espada para o alto e as pessoas arquejaram. — Por ele ainda olhá-la do jeito que olha.

A jovem se perguntou se Lorcan sequer continuaria olhando na sua cara caso lhe contasse como se chamava, quem era e o que carregava. Ele dormira no chão da tenda todas as noites; não que Elide jamais tivesse se incomodado em oferecer o colchão. O guerreiro costumava chegar depois de ela ter caído no sono, e saía antes que acordasse. Ela não fazia ideia do que ele fazia — talvez exercícios, pois o corpo era... daquele jeito.

Lorcan atirou três facas no ar, fazendo uma reverência sem um pingão de humildade ou diversão para a multidão. Eles arquejaram de novo conforme as lâminas apontaram para a coluna exposta do guerreiro.

Mas com uma manobra simples e bela, ele rolou, pegando cada lâmina, uma após a outra.

A multidão comemorou, e Lorcan olhou indiferentemente para a panela de moedas.

Mais cobre — e alguma prata — fluía como gotas de chuva.

Molly soltou uma risada baixa.

— Desejo e medo podem abrir qualquer carteira. — Um olhar ríspido. — Não deveria estar em sua tenda?

Elide não se incomodou em responder, apenas saiu, e podia ter jurado que sentira o olhar de Lorcan se concentrar nela, na peruca e nas contas tilintantes, nas vestes longas e volumosas. Ela continuou sua tarefa e atuou mais alguns rapazes — e algumas moças — curiosos sobre as vidas amorosas, antes de se ver novamente sozinha naquela tenda estúpida, a escuridão somente iluminada por minúsculas velas, penduradas em esferas de cristal.

A jovem esperava pelo grito de Molly, finalmente anunciando o encerramento das atrações, quando Lorcan entrou batendo os ombros nas abas da tenda, limpando o rosto com um pedaço de tecido que muito certamente não era a própria camisa.

— Molly vai implorar para que fique, sabe disso, não? — comentou Elide.

Ele se sentou na cadeira dobrável diante da mesa redonda.

— É sua previsão profissional?

A jovem afastou uma fileira de contas que oscilava contra os olhos.

— Vendeu a camisa também?

Lorcan deu um sorriso feral.

— Consegui dez moedas de cobre da mulher de um fazendeiro.

Elide fez uma careta.

— Que nojo.

— Dinheiro é dinheiro. Suponho que não precise se preocupar com isso, considerando todo o ouro que tem escondido.

Ela o encarou de volta, sem se incomodar em parecer agradável.

— Está estranhamente bem-humorado.

— É o que acontece quando duas mulheres e um homem lhe oferecem a cama pela noite.

— Por que está aqui então? — O tom foi mais afiado do que Elide pretendia.

Lorcan observou as esferas penduradas, o tapete de lã, a toalha de mesa preta, então as pequenas mãos da jovem, com cicatrizes e calos, que seguravam a beirada da mesa.

— Não estragaria seu disfarce se eu saísse de fininho à noite com outra pessoa? Seria esperado que você me expulsasse, que ficasse de coração partido e revoltada pelo resto de seu tempo aqui.

— É melhor aproveitar — retrucou Elide. — Pois vai embora em breve.

— Você também — lembrou Lorcan.

A jovem bateu com um dedo na toalha de mesa, sentindo o atrito do tecido áspero contra a pele.

— O que foi? — indagou ele. Como se fosse inconveniente demonstrar educação.

— Nada.

Não era nada, no entanto. Elide sabia por que estava atrasando aquela virada para o norte, a partida inevitável daquele grupo e a solitária caminhada final.

Mal conseguia causar impacto em um parque de atrações. Que droga faria em uma corte com pessoas tão poderosas — principalmente sem saber ler? Enquanto Aelin podia destruir reis e salvar cidades, que droga ela faria para provar seu valor? Lavar suas roupas? A louça?

— Marion — disse Lorcan, com a voz grave.

Ela ergueu o rosto, surpresa por ele ainda estar ali. Os olhos pretos eram indecifráveis na escuridão.

— Muitos rapazes foram incapazes de tirar os olhos de você esta noite. Por que não se diverte com eles?

— Por quê? — disparou ela. A ideia de um estranho tocando-a, de algum homem sem rosto e sem nome lhe colocando as patas no escuro...

Lorcan ficou imóvel, então disse, muito calmamente:

— Quando estava em Morath, alguém...

— Não. — Elide sabia o que ele queria dizer. — Não... não chegou a esse ponto. — Mas a memória daqueles homens tocando-a, rindo de sua nudez... Ela a afastou. — Nunca estive com um homem. Nunca tive a chance ou o interesse.

Ele inclinou a cabeça, levando os cabelos pretos e sedosos a deslizar sobre o rosto.

— Prefere mulheres?

A jovem piscou para Lorcan.

— Não... acho que não. Não sei o que prefiro. De novo, nunca... nunca tive a oportunidade de sentir... isso. — Desejo, luxúria, ela não sabia. E não sabia como ou por que tinham acabado conversando sobre aquilo.

— Por quê? — E com toda considerável concentração de Lorcan voltada para ela, com a forma como o guerreiro olhava para sua boca pintada de vermelho, Elide quis lhe contar. Sobre a torre, e Vernon, e os pais. Sobre por que, se algum dia sentisse desejo, seria o resultado de confiar tanto em alguém a ponto de aqueles horrores se dissiparem, o resultado de saber que a pessoa lutaria com unhas e dentes para mantê-la livre, e que nunca a iria trancafiar ou ferir ou abandonar.

Ela abriu a boca. Então os gritos começaram.



Lorcan não sabia por que porcaria de razão estava na ridícula tendinha de oráculo de Marion. Precisava se banhar, precisava limpar o suor e o óleo e a *sensação* de todos aqueles olhares lascivos sobre si.

Mas a notara na multidão enquanto terminava a apresentação deplorável. Não a vira mais cedo na noite, antes de a jovem colocar aquela peruca e aquelas vestes, mas... talvez fossem os cosméticos, o lápis pesado sob os

olhos, a forma como os lábios pintados de vermelho faziam a boca parecer um pedaço de fruta fresca, mas... O guerreiro reparara.

Reparara na forma como homens a tinham notado também. Alguns tinham olhado descaradamente, com admiração e luxúria estampados no corpo, conforme Marion permanecia no limite da multidão, alheia àquilo e o observando.

Linda. Depois de algumas semanas com comida e segurança, a jovem apavorada e macilenta tinha, de alguma forma, passado de bonitinha a linda. O semiféérico terminara a apresentação mais cedo do que pretendia, mas ao olhar de novo, Marion já tinha ido embora.

Como um maldito cão, ele farejara seu cheiro em meio à multidão e a seguira até a tenda.

Nas sombras e luzes tremeluzentes do lado de dentro, com a peruca e as contas oscilantes e as vestes vermelho-escuro... o oráculo encarnado. Serena, delicada... e completamente proibida.

E Lorcan estivera tão concentrado em se xingar por encarar aquela boca madura e pecaminosa enquanto a jovem admitia que ainda era intocada que não tinha detectado nada estranho até os gritos começarem.

Não, estivera ocupado demais contemplando que sons poderiam vir daquela boca carnuda se ele, devagar e gentilmente, ensinasse a ela as artes da alcova.

Lorcan supôs que o ataque era a forma de Hellas lhe dizer que mantivesse o pau nas calças e a mente longe da sarjeta.

— *Vá para debaixo de uma carruagem e fique lá* — disparou ele, antes de correr para fora da tenda. Não esperou para ver se ela obedecera. Marion era esperta, sabia que teria mais chances de sobreviver se o ouvisse e encontrasse abrigo.

Lorcan libertou seu dom pelo parque em pânico — uma onda terrível de poder escuro varreu o território, então voltou rapidamente para contar o que sentira. Seu poder estava contente, ofegante de uma forma que o guerreiro conhecia muito bem: morte.

Em uma ponta do campo estavam os limites da cidadezinha. Na outra, um bosque de árvores e a noite infinita... e asas.

Silhuetas imponentes e musculosas mergulharam dos céus; a magia de Lorcan captou quatro. Quatro ilken aterrissaram, com garras estendidas e expondo aqueles dentes dilaceradores de carne. Ao que parecia, as asas

encouraçadas os marcavam como alguma pequena variação daqueles que os rastream na floresta de Carvalhal. Uma variação... ou o aperfeiçoamento de um caçador já implacável.

Pessoas corriam, gritando... na direção da cidade, na direção da cobertura dos campos escuros além.

Aquelas fogueiras distantes não haviam sido feitas por fazendeiros para queimar os campos em desuso.

Haviam sido feitas para cobrir o céu, para ocultar o cheiro daquelas bestas. De Lorcan. Ou de qualquer outro guerreiro com dons.

Marion. Estavam caçando Marion.

O parque estava em caos; os cavalos relinchavam e escoiceavam. Ele disparou para o coração do acampamento, onde os quatro ilken aterrissaram, bem no local em que estivera se apresentando minutos antes, a tempo de ver um deles pousar sobre um rapaz e o derrubar de costas.

O sujeito ainda gritava por deuses que não responderiam quando o ilken se inclinou, erguendo uma garra longa, e abriu sua barriga com um gesto ágil. Ainda gritava quando o ilken abaixou o rosto mutilado e se banquetou.

— Maldito inferno, o que *são* essas criaturas? — Era Ombriel, com uma espada longa em punho, e segurando-a de um jeito que revelava a Lorcan a competência da jovem em manejá-la. Nik veio em disparada atrás dela, com duas lâminas ásperas e quase enferrujadas nas mãos gordas.

— Soldados de Morath. — Foi tudo o que Lorcan ofereceu. Nik olhava para a lâmina e o machado que o guerreiro tinha sacado, sem nem considerar fingir não saber como usar qualquer um deles, fingir ser um homem simples da natureza. Então ele explicou, com precisão fria: — São naturalmente capazes de atravessar a maioria dos campos mágicos, e apenas a decapitação os derruba.

— Têm quase 2,5 metros — comentou Ombriel, o rosto pálido.

Lorcan os deixou com suas próprias conclusões e medo, entrando no anel de luz no coração do acampamento conforme os quatro ilken terminavam de brincar com o rapaz. O humano ainda estava vivo, silenciosamente proferindo súplicas por ajuda.

O guerreiro disparou o poder e seria capaz de jurar que o rapaz tinha gratidão nos olhos ao sentir o beijo da morte saudá-lo.

Os ilken ergueram os rostos como um único ser, sibilando baixinho. Sangue escorria de seus dentes.

Lorcan rodopiou para dentro do próprio poder, preparando-se para os distrair e atordoar, caso ainda fossem resistentes à magia. Talvez Marion tivesse tempo de fugir. Com gargalhadas dançando na língua cinzenta, o ilken que dilacerara a barriga do rapaz indagou:

— É você quem está no comando?

— Sim — respondeu simplesmente o semiféérico.

Aquilo dizia o bastante. Não sabiam quem ele era, qual fora seu papel na fuga de Marion.

Os quatro ilken sorriram.

— Buscamos uma garota. Ela assassinou alguns dos nossos... e diversos outros.

Será que a culpavam pela morte do ilken semanas antes? Ou será que era uma desculpa para justificar os próprios fins?

— Nós a rastreamos até a travessia do Acanthus... Pode estar escondida aqui, entre seu povo. — Um riso de escárnio.

Lorcan esperava que Nik e Ombriel ficassem de boca fechada. Se comesçassem a revelá-los, o machado na mão do guerreiro se moveria.

— Vá verificar outro parque. Temos esta equipe há meses.

— Ela é pequena — continuou a criatura, aqueles estranhos olhos humanos brilhando. — Aleijada de uma perna.

— Não conhecemos ninguém assim.

Eles a caçariam até o fim do mundo.

— Então forme uma fila com sua equipe para que possamos... inspecioná-la.

Queriam fazer com que eles andassem. Para observá-los. Para procurar uma jovem manca de cabelos pretos e com quaisquer outras marcas que o tio tivesse fornecido.

— Você assustou todos para longe daqui. Pode levar dias até que retornem. E, de novo — disse Lorcan, com o machado subindo um pouco mais —, não há ninguém em minha caravana que se encaixa na descrição. — Atrás dele, Nik e Ombriel estavam em silêncio, e o terror era um fedor que se impulsionava para dentro do nariz do semiféérico. Ele esperava que Marion permanecesse escondida.

Os ilken sorriram; o sorriso mais horroroso que Lorcan já vira durante todos os seus séculos.

— Temos ouro. — De fato, a criatura ao lado trazia uma sacola cheia à cintura. — O nome é Elide Lochan. O tio é o lorde de Perranth. Vai recompensá-lo generosamente se a entregar.

As palavras o atingiram como pedras. Marion... *Elide* tinha... mentido. Conseguiu impedir que Lorcan sequer sentisse o cheiro da mentira, usara verdades o suficiente e o próprio medo que sentia de forma geral para manter o cheiro oculto...

— Não conhecemos ninguém com tal nome — informou ele de novo.

— Uma pena — cantarolou a sentinela. — Pois se a tivesse em sua companhia, nós a teríamos levado e partido. Mas agora... — O ilken sorriu para os três companheiros, e as asas pretas farfalharam. — Agora parece que voamos um longo caminho por nada. E estamos famintos.